

A FALSA ECONOMIA DO MODERNO

7 minutos de leitura

O tempo como prova da verdadeira sustentabilidade

“Desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades.” — este foi o primeiro conceito definitivo de “sustentabilidade” criado em 1987 com o Relatório Brundtland da ONU (*Our Common Future*) que quando aplicado ao ramo da Construção-Civil ganha uma profundidade enorme.

A supressão das necessidades diárias é inevitável: **habitação** digna e acessível / **infra-estruturas** seguras, funcionais e duráveis / **espaços urbanos** que promovam conforto e bem-estar. Conhecendo isso, este conceito cria responsabilidade na **forma como construímos hoje**, forma que vai definir se o processo é **sustentável ou não**.

Há vários exemplos de boas aplicações sustentáveis atualmente, mas o que vamos abordar no âmbito desta reflexão crítica é exatamente no prisma contrário, onde observamos que *“...a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades.”*, não está a ser respeitada integralmente. Pode soar distante, mas em obra percebe-se rápido o que isto quer dizer, seguimos com um exemplo para efeito de comparação:

O uso de gesso cartonado vs alvenaria tradicional

Dois sistemas construtivos, embora com a mesma finalidade, fundamentalmente diferentes desde a sua aplicação até à sua composição. Quando o mesmo sistema construtivo já parece ultrapassado levantam-se questões sobre se realmente tende a ser verdadeira essa afirmação ou não.

Os primeiros tijolos surgem a cerca de 7000 a.C., em barro cru, moldados à mão com palha e depois secos ao sol, mais tarde a 3000 a.C. o tijolo cozido surgiu, como o que conhecemos hoje, conferindo maior resistência e durabilidade, mas hoje, com o tijolo de composição moderna, já conseguimos, padronizar, melhorar o desempenho térmico e acústico, e criar variantes que dependem de diferentes matérias-primas, e dessa forma garantir a redução do impacto ambiental.

O gesso cartonado, inventado em 1894 por **Augustine Sackett**, tratava-se duma placa de gesso prensado entre duas folhas de papel grosso, anos mais tarde aclamada de *“SheetRock”* aquando da sua primeira industrialização pela **US Gypsum Company**, na América do Norte em 1901, sendo este o antecessor do nosso *“Pladur”* que na Europa só começou a difundir-se a partir

da década de 70, especialmente em França, Alemanha e Reino Unido. A sua composição confere atualmente o núcleo de gesso natural ou sintético, revestimento em papel kraft de alta resistência e aditivos (amido, espumas, fibras, resinas, etc.) que lhe conferem melhor aderência, isolamento, resistência ao fogo e à humidade.

Apesar da eficiência e precisão que o gesso cartonado trouxe à indústria da construção, é necessário compreender que **nem sempre o “moderno” representa o “melhor”** — sobretudo quando se analisa o ciclo de vida dos materiais. A alvenaria de tijolo e o reboco tradicional, feito com cal e areia, exigem mais tempo e mais mão de obra, mas **cria uma estrutura viva e respirável**, capaz de regular a humidade interior e contribuir para o conforto térmico natural do edifício. Já o gesso cartonado, ainda que leve e rápido, **introduz uma dependência de produtos industrializados**, muitas vezes de origem distante, e **compromete a durabilidade do conjunto construtivo**. Em termos de **resiliência**, um reboco bem executado pode durar 50 a 100 anos, enquanto uma parede em gesso cartonado dificilmente atravessa uma geração sem reparações.

Essa diferença temporal traduz-se num **impacto direto sobre a sustentabilidade real**: o custo inicial pode ser menor, mas a necessidade de substituição frequente multiplica o consumo de recursos e o volume de resíduos.

Outro ponto crítico é que o gesso cartonado, pela sua natureza modular, **exige uma coordenação perfeita entre especialidades** — estruturas, eletricidade, climatização e acabamentos — para evitar problemas como fissuras, deformações ou pontes térmicas. Essa coordenação, embora possível, **tem um custo humano e técnico elevado, muitas vezes desvalorizado nas fases de orçamento e planeamento**. O resultado é conhecido a quem já tentou pôr eletricitistas, canalizadores e pintores a trabalhar na mesma semana sabe o que isto significa: se o ritmo falha, o gesso paga a conta. Divisórias frágeis, ruído entre compartimentos e a necessidade constante de manutenção são algumas das consequências. Já o sistema tradicional, embora mais pesado, **tem uma tolerância maior aos erros**, fruto da sua própria inércia física e da experiência acumulada de gerações de mestres de obra.

É justo dizer que o gesso cartonado tem o seu espaço. É rápido, versátil e responde à urgência do mercado. **O problema não está no material em si** — está no ritmo que o usa como desculpa. A pressa de construir barato transforma uma boa solução numa solução descartável.

A expressão “falsa economia” aplica-se aqui de forma literal. Optar pelo sistema mais barato e rápido, sem considerar a durabilidade e a manutenção futura, é transferir o custo para o futuro — um futuro que já não pertence à empresa que construiu, mas ao cliente, ao ambiente e à sociedade.

No fundo, essa é a essência da insustentabilidade: **resolver o presente sacrificando o tempo**. É o oposto do que defendia o conceito de desenvolvimento sustentável — um ciclo equilibrado, onde o tempo é parte integrante do valor.

Há também uma perda cultural neste processo. As técnicas tradicionais — reboco de cal, alvenaria de tijolo, cantaria — eram o resultado de séculos de experimentação empírica e adaptação ao clima e aos materiais locais. Eram respostas ao clima e à pedra que havia. Hoje trocamos esse saber pela ficha técnica do fabricante. Ganhámos velocidade, mas **perdemos a inteligência artesanal do edifício**, a capacidade de entender como respira, dilata e envelhece.

O último ponto que não menos importante, é o preço do **vazamento destes materiais**, para centros de **gestão de resíduos**. Por tonelada, o gesso cartonado, tem um taxa de vazamento compreendida entre **180-225€** e se este apresentar **contaminação** (parafusos, perfis metálicos, etc) é-lhe aplicada uma taxa extra de triagem que pode chegar aos **150€/ton**. No universo da alvenaria estamos a falar de valores um “**pouco**” mais simpáticos, entre **50-70€/ton** (dependendo da limpeza, segregação, transporte, etc.).¹

Recuperar esse equilíbrio não significa rejeitar a inovação, mas **avaliá-la com o mesmo rigor com que avaliamos o tempo**. Nem tudo o que é moderno é progresso; e nem tudo o que é antigo é atraso. O verdadeiro progresso, no setor da construção, é aquele que **permite que o edifício viva tanto quanto o território que o sustenta**.

Conclusão

O desafio da construção contemporânea não é apenas construir mais rápido e mais barato, mas **construir com consciência** — unindo tecnologia, durabilidade e ética. O gesso cartonado tem o seu lugar, tal como o tijolo e o reboco o tiveram, mas **a sustentabilidade não pode ser medida pelo tempo de montagem, e sim pelo tempo de permanência**.

A verdadeira economia não é a do metro quadrado mais barato, mas a do muro que se afirma com o tempo.

¹ Preços estimativos entre Porto e Lisboa à data do artigo.